

QREN - Aldeias de Mem#ria

História de Vida

de

José Martins Nunes

registada em 2008-09-11
por

Jenny Campos e Cláudia Simões

José Martins Nunes

José Martins Nunes nasceu a 23 de Março de 1933, numa quinta. Todos o chamam José do Chão. O pai chamava-se Manuel Martins Nunes, morreu antes de José nascer. A mãe era Maria Natividade Rita, “era doméstica e cultivava um bocado, umas batatas e umas cebolas” e criou seis filhos, três rapazes e três raparigas. José andou na escola até à terceira classe, altura em que a mãe o tirou para ir guardar umas ovelhas, tinha então 10, 11 anos. Conheceu a esposa quando ela tinha 12 anos e veio para Monte Frio. O namoro durou “aí um ano ou dois” e casaram no dia 23 de Setembro, no Monte Frio. No ano seguinte nasceu o primeiro filho, passados dois anos outro filho e, por último, com uma diferença de oito anos deste, nasceu uma rapariga. Ao longo da vida teve vários trabalhos, começou a guardar rebanhos, fez lenha e resina, distribuiu correio, trabalhou num lagar, teve uma venda de peixe em Monte Frio, trabalhou na zona eléctrica de Arganil e andou pelas terras a abrir covas, para postes de alta tensão. Começou “a trabalhar aos 12 anos e foi sempre a andar até aos 54”.

Índice

Identificação José do Chão.....	4
Ascendência A família Martins Nunes.....	4
Infância "Eu pouco brincava".....	5
Educação "Tinha 10, 11 anos quando saí da escola".....	6
Religião O terço e a rapaziada.....	6
Casa A casa da minha infância.....	6
Namoro "Nunca me deu um beijo enquanto namorávamos".....	7
Casamento Casamento sem nada.....	7
Descendência Os meus filhos.....	7
Percurso profissional "É um reportório a minha vida".....	8
Migração Em Lisboa.....	10
Lugar Monte Frio.....	11
Costumes Tradições.....	12
Pessoas Assunção Peres.....	14
Quotidiano "Tive uma vida escrava".....	14
Sonhos "Tenho um sonho".....	14
Avaliação "Para bem de todos".....	14

Identificação *José do Chão*

O meu nome é José Martins Nunes. Nasci a 23 de Março de 1933, numa quinta, ao pé de onde moro. Todos me chamam José do Chão porque o meu pai morava ali ao pé de um terreno, que acho que tinha um chão. Chamavam-lhe Manuel do Chão mas, só eu e uma irmã minha é que ficamos com a alcunha dele.



José Martins Nunes (1999)

Ascendência *A família Martins Nunes*

O meu pai chamava-se Manuel Martins Nunes, mas eu não me lembro de nada dele porque não o conheci. Ele morreu 11 dias antes de eu nascer. A minha mãe era Maria Natividade Rita, era dos Parrozelos. A minha mãe era uma cara perfeita, era bonita, e sempre muito boa. Deixava de comer para dar aos seus filhinhos. Tanta vez fez isso! Era doméstica e cultivava um bocado, umas batatas

e umas cebolas. Era no tempo em que tinha que se ir pedir propriedades a quem as tinha, para a gente cultivar. Dávamos metade aos donos e ficávamos com a outra metade, para termos umas batatinhas. Na altura não tínhamos nadinha e éramos seis irmãos. Três rapazes, três raparigas. Era o Abílio Martins Nunes, o Luciano Martins Nunes, o José Martins Nunes, a Maria Lucília Martins Nunes, a Maria Martins Nunes e a Albertina Martins Nunes. A relação com os meus irmãos era boa, a gente dava-se sempre bem.



**Zé do Chão (à dta.) e os dois irmãos:
Abílio (ao centro) e Luciano Nunes (à esq.)**

Infância "*Eu pouco brincava*"

Não haviam muitas partidas, nem brincadeiras nesse tempo. Eu pouco brincava com os meus irmãos, porque eles já eram muito mais velhos do que eu. Também não havia brinquedos. Geralmente a gente dizia:

- "Vamos servir!"

O meu irmão Luciano esteve a servir e a minha irmã, a que tem 80 e tal anos, também esteve a servir. A ganhar 50 escudos por ano. Um ano inteiro de empregada a trabalhar como uma negra para lhe darem 50 escudos. Não havia nada.

Vestuário e calçado da época

Tinha 16 anos quando comprei os meus primeiros tamancos. Eram novinhos e tinham madeira por baixo. Havia um senhor que fazia brochas e aquilo pregava-se nos tamancos, para não se romperem. Ele tinha uma maquinazinha para fazer as brochas. Faziam-nas em ferro, com umas orelhas e um espigãozinho. Era aquele espigão que se enterrava na madeira e a brocha é que tocava no chão. Era para poupar a madeira. As senhoras também usavam tamancas, não eram sapatos de camurça. A roupa desse tempo eram as calças remendadas ou rotas, conforme calhava. As pessoas que tinham pais com mais dinheiro vestiam melhor. Aquelas que tinham mais dificuldade vestiam conforme se podia.

Educação "*Tinha 10, 11 anos quando saí da escola*"

Eu cheguei a ir à escola. Naquele tempo era primeira, terceira e depois a quarta. Já andava na terceira e a minha mãe tirou-me para vir guardar umas ovelhas. Acabei por conhecer estas moitas todas. Tinha 10, 11 anos quando saí da escola. Já lia correctamente, mas acabou tudo. Lembro-me da escola, era ao cimo, fora da povoação. Não era bem uma escola, era um andar, porque havia uma escola cá na terra. Depois fizeram a escola nova e foi para lá que a gente mudou. Demorávamos 15 minutos a chegar lá talvez. Ainda está como antes era.

Religião *O terço e a rapaziada*

Fui à doutrina. Quando em Maio, faziam cá o terço, eu ia sempre. Aprendíamos com uma senhora que se chama Saudade. Às vezes não era pelo terço, era pela rapaziada, pelos amigos que se juntavam. Naquele tempo havia muita gente, ninguém ia para Lisboa. Hoje é que vai tudo embora. Muitas vezes vinham para rezar o terço e para estar com os amigos, falarmos uns com os outros e essas coisas. Não tentávamos namorar porque éramos muito sérios.

Casa *A casa da minha infância*

Lembro-me da casa onde vivi quando era pequeno. Agora vive lá uma irmã minha. Já não está igual ao que era. Ela nem um quarto tinha, não tinha nada. Era uma lojazinha ampla e tinha duas camas. Éramos seis filhos e eram dois e três em cada camita. Dormíamos uns para cada lado, naquele tempo.

Namoro "*Nunca me deu um beijo enquanto namorávamos*"

A minha esposa veio para aqui com 12 anos e eu comecei a falar para ela. Namoramos aí um ano ou dois. Não se podia namorar à vontade, só se saía de dia, não é como agora. Não se beijava nem nada como agora. A gente que chegasse ao pé delas! Está quieto. Lá havia as suas coisinhas, em toda a vida houve e há, mas era preciso sabê-las fazer! Não era à descarada como é agora! Fui pedi-la à mãe. Naquele tempo, ainda se pedia. A mãe autorizou e depois casámos. Nunca me deu nenhum beijo enquanto namorávamos. Mas depois de casado tinha que haver o nosso amor!

Casamento *Casamento sem nada*

A minha vida nunca foi fácil. Eu casei-me não tinha um lençol, um garfo, um copo, um prato, um colchão ou uma cama. A minha mulher andava a servir, nada tinha também. Pedi-a em casamento e fui à mercearia comprar o pano, para uma costureira me fazer o colchão, para encher cheio de palha, como era antigamente. E fiquei a dever, não tinha um tostão para pagar aquilo. A senhora fiou-me. Dizia ela para mim:

- "Zé, tens tudo quanto queiras em minha casa."

Fiquei a dever 1500 escudos à senhora. Naquele tempo vi-me aflito. Paguei-lhe graças a Deus, tive sempre ali uma casa aberta, o que eu quisesse daquela casa tinha, por eu ser tão sério.

Casei em Setembro, no dia 23 de Setembro. O meu casamento no lugar de ser na Benfeita foi aqui. O padre levou-me 300 escudos por me ir casar. Fiquei sem um tostão. Quanto eu tinha comigo eram 300 escudos, naquele tempo, parece que não, já era dinheiro. Lembro-me da roupa, eu levava um fatinho castanho que tinha e ela era uma saiinha e uma blusa. No dia do casamento não sei as pessoas que eram, se eram 20 ou 30. Fui para uma casinha, que a minha mãe, coitadinha, não podia e eu também não. Eu é que fiz a despesa toda. Foi na casa onde fiquei. Fiz o casamento, comeram ali, eles foram-se embora e eu fiquei logo ali.

Descendência *Os meus filhos*

Casei em Setembro e no dia 9 de Maio nasceu o meu miúdo, o Horácio. É bom homem, coitadinho. O outro rapaz tem diferença de 2 anos e a rapariga

tem diferença de mais ou menos 8 anos do meio. Deus queira que todo o mundo tenha três filhos como eu tenho! É o mal que desejo a toda a gente.

Percurso profissional "*É um relatório a minha vida*"

No pinhal

O meu primeiro trabalho foi ir para o pinhal fazer lenha. Nem só aqui se fazia lenha, mas no país inteiro também. Ia para Côja, para Aveiro. Havia um senhor que comprava a madeira, na Benfeita. Compravam a lenha a metro.

Depois fui resinheiro. Tira-se a resina com um ferro com uma lâmina. À borda era aguçadinha, aquilo até fazia a barba. A gente cortava a madeira e por baixo punha uma folha, chamávamos nós uma bica. Com um formão metia-se na madeira e ficava ali seguro. Depois levava um púcaro entalado ali, a resina vinha por ali fora e ia cair dentro do púcaro. Com uma espátula, tirava do púcaro para meter para dentro de uma lata e depois trazia-se ao ombro. As latas levavam aí 20 e tal quilos. A resina não pode ser retirada todos os dias, é de mês a mês. Nessa altura, eu ainda vinha ao meio-dia para casa ajudar a minha mulher no campo. Plantávamos o milho, as batatas, o feijão, essas coisas todas. Tudo o que era de se comer.

Nos correios

Também trabalhei nos correios. Havia aquela pessoa que tinha um estabelecimento e a gente ia buscar a mala fechada, chegávamos ali e púnhamo-la lá. A senhora abria a mala e quem queria ia buscar o correio. Tínhamos que lá ir uma vez por dia, só que íamos à vez. Como a vida era muito difícil, pedíamos à senhora para ir distribuí-lo. Às vezes havia uma pessoa dava um bocadinho de pão, outra dava outro bocadinho para eu comer e depois para a minha mãezinha comer. Não éramos obrigados a distribuir mas o pessoal se pudesse ganhar alguma coisinha é que fazia isso. As minhas irmãs também iam. A minha mãe mandava-nos segundo o serviço que havia em casa:

- "Hoje és tu que lá vais."

E a gente ia. Era assim. Para ir buscar o correio a gente levantava-se e saía daqui às nove horas. Tinha que ir à Relva Velha buscar o correio. Depois tinha que vir para Monte Frio e tinha que se ir, tudo a pé para os Pardieiros e dos

Pardieiros para a Benfeita. E fazia-se o mesmo giro outra vez. Era um dia inteiro para ganhar 10 tostões. Descalços. É um reportório a minha vida!

No lagar

Trabalhar no lagar também foi muito difícil. Aquilo não havia cama, não havia nada. A gente despejava o bagaço, aquele bagaço que está lá a arder. Havia masseiras, que era onde se metia a massa para dentro para o pé do lagar, e ficava a arder. A gente deitava-se em cima daquilo. Apanhei um reumatismo de tal maneira. Jesus!

Já vem daí e depois acabei por ficar pior quando trabalhei na zona eléctrica de Arganil. Aí davam transporte, vinham-me aqui buscar e trazer. Depois quando mudou para a EDP cortaram isso. Nessa altura comprei uma mota e ia daqui para Arganil. Eram 25 quilómetros para baixo, 25 para cima. Chuva, vento, neve e geada! Comecei a andar, a andar, fiquei tolhido. Não tive nenhum acidente. Fiquei assim devido ao mau trato que eu tive.



José Martins Nunes (1972)

Pelas terras

Também andei por essas terras acima a abrir covas, para esses postes de alta tensão. Levantava aqueles postes. Hoje é com máquinas, mas antigamente era tudo à mão! Fazíamos tudo, fazíamos a alta tensão, fazíamos a baixa, fazíamos tudo. No Inverno às vezes vinha uma trovoadas, caçava a gente lá. Era preciso ir enxuto. Eu passei muito!

Os poços eram assim redondos, para abri-los marcava-se e começava-se a cavar até 9, 10, 20 metros de profundidade. Para sairmos lá de baixo tínhamos uma coisa, chamava-se um sarilho, uma manivela, um rolo e uma corda e depois tínhamos um caixote, onde engatavam dois grampos de lado para trazer a gente cá para cima. Aquilo também tirava o entulho. Foram tempos difíceis. Fui sempre um infeliz e depois mais com doenças que me apareceram.

Tinha uma venda de peixe aqui em Monte Frio. Eram uns senhores que o vinham cá trazer. O peixeiro ia buscar à praia e tinha pessoas que depois vendiam. O peixe era caro! A gente comprava dois chicharros dos graúdos por 25 tostões. Um quarteirão de sardinha a 15 tostões. Mas um chicharro dava bem para três pessoas.

Migração *Em Lisboa*

Quando fui para Lisboa tinha o meu filho do meio 2 ou 3 anitos, portanto há 50 e tal anos. Fui para casa do meu irmão e dormia num sótão. Para vestir as calças era sentado num divã, que eu não cabia lá em pé, porque batia com a cabeça lá em cima. Fui trabalhar para uma garagem, ao pé do meu irmão Luciano mas, como não sabia ler, depois meteram-me numas bombas. Eu na altura não tinha grande emprego em Monte Frio, mas tinha a vendazita de sardinha, carapau e chicharro. Não dava para ganhar dinheiro mas dava para a gente comer à vontade o peixe. Eu estava lá a ganhar 25 escudos por dia e ainda perdi a vendazita, que tinha o peixe para comer. Acabei por vir-me embora, até hoje! E não estou arrependido! Não gostei de Lisboa. Lisboa para mim só para estar lá um dia ou dois, mais nada. Aquilo não interessa a ninguém.

Lugar Monte Frio

A alcunha das pessoas de Monte Frio é "Valentões". É por sermos pessoas de génio, com força e por nos pegarmos à porrada muitas vezes. O que não faltava aí antigamente era porrada uns com os outros! Não era a brincar. Hoje é que não há homens, hoje é uma garotada, mas naquele tempo eram homens de barba rija. Havia cá um, chamava-se "Chupa-quartilhos" porque ele via um copinho assim à maneira e vira, e vira.

A comida típica é feijão cozido com orelha de porco e chispe. É bom! Também temos a esmagada. A esmagada tira-se da gamela e faz de conta que é uma broa. É feita ou com chouriço, ou com bacalhau e cebola, depois vai para o forno e é batida com a pá. Esmaga-se ali. No fim dela estar cozidinha, é uma maravilha. A senhora de Côja, a padeira, costuma trazer, mas não é tão boa como a que nós cá fazemos na terra. A nossa cá da terra é melhor. Doces também há.

"Um professor, um polícia e uma costureira"

Posso dizer que há 70 anos, passou-se muita coisa. Lembro-me que quando alguém morria tinha que ir para o cemitério que era na Benfeita. Não havia estrada para lá, chamavam o esquife e levavam o corpo ao ombro até lá, para o cemitério. Um esquife era como uma escada de apanhar a azeitona. Servia para pousar as urnas das pessoas. Depois fizeram um cemitério em Monte Frio. Ainda me recorda a primeira, a segunda e a terceira pessoas que foram sepultadas. O primeiro era um polícia de Lisboa, depois foi um senhor que foi criado aqui. Só ele é que sabia ler nesta terra, mas não sei onde é que ele aprendeu. Era em casa dele que a malta ia para lá aprender a ler. A terceira pessoa foi uma senhora que era costureira. Eu disse:

-Olha um professor, um polícia e uma costureira. Os três primeiros que foram estrear no cemitério.

Milagroso Bom Jesus

O santo padroeiro do Monte Frio é o Milagroso Bom Jesus. A capela é perto do fundeiro. Já foi arranjada, no meu tempo, uma ou duas vezes. A festa era a coisa mais bonita de cá, faziam uma procissão, com dez ou 12 andores. Que lindo! Eu adorava aquilo! A festa aqui antigamente era boa, vinha a música estava até à uma hora da manhã a tocar. Estava o largo sempre cheio. Ainda iam

atrás da camioneta, tudo a dançar e eles a tocar lá dentro. Era giro, melhor que os conjuntos! Era 30 vezes melhor! Faziam os leilões e o mordomo é que fazia uma oferta. Chegaram a juntar aqui 50 e 100 contos cada um! Na oferta para o leilão podíamos dar um leitão, um presunto, chouriço, queijo, chanfana, fruta e essas coisas todas. Geralmente a festa durava dois, três dias. Este ano não houve festa porque não havia juventude para tomar conta dela. Isso dá muito trabalho e o dinheiro é pouco. Hoje para ter conjuntos é preciso 300 e 400 contos. Foi tudo tal e qual como se houvesse festa, mas não saiu a procissão. Só fizeram um leilão para a Associação, porque temos uma grande obra para acabar. É capaz de estar ali perto de 20 mil contos e para acabá-la só mesmo a Comissão. E aqui na aldeia não vem dinheiro de mais lado nenhum.

Orgulhoso da Comissão de Melhoramentos

A Comissão de Melhoramentos de Monte Frio tem feito tudo pela gente. Ninguém deu um tostão para nada. Arranjáramos esta rua toda, tudo a paralelo. Fizemos o café convívio só para beber a bica, jogar às cartas e entreter. Agora a outra que estamos a fazer, a que está em construção, é do género de uma casa, é para fazer lá cozinha e para servir comida. Fazer um forno, para cozer a chanfana, para assar batatas, e uma churrasqueira, mas essa já está feita.

Gostava que a Comissão acabasse a obra e que continuassem, que era bom sinal. Estou orgulhoso. Estamos todos orgulhosos é de termos o que cá temos sem ninguém dar uma ajudazinha para nada. Eu há 23 anos que não ganho um tostão e agora dei 50 contos para aquela obra! Tenho família minha que não são daqui e deram 100 contos.

O frio de Monte Frio

Adoro a minha terra! É bonita! É a paisagem o que Monte Frio tem de mais bonito.

Parece que faz muito frio, mas não faz. Antigamente era difícil. Amanhecias a chover e era capaz de estar um mês inteiro a chover! Depois quando limpava vinha aquele gelo, havia água a cair das paredes abaixo, tudo cheio de gelo. Era giro! Hoje já nada disso há! Agora o Inverno é Verão! Nem um bocadinho de neve este ano! O Inverno modificou. O tempo modificou. Há muita malta que até está em Lisboa e tem medo do frio do Inverno, mas escusam de ter medo. Eu tenho a cozinha com a lenha e nem se acende para a gente se aquecer. Não é preciso.

Costumes *Tradições*

Antigamente a gente cavava as terras, semeava milho, feijão, batatas, alface, tomates e pimentos. Eu ajudava, que remédio tinha eu! Também tínhamos umas cabritas, umas ovelhitas e umas galinhas. Era o que havia. Quando era miúdo ia-as pastar eu ou as minha irmãs. Íamos com elas para o terreno que a gente cultivava no fim de apanhar o renovo e largavam-se para ali. Com o leite das cabras fazia-se um queijozito. Ainda lá tenho o acincho, a gente levantava o acincho para cima, carregava para baixo. Cortava certinho, caía um bocado em toda a volta e o queijo ficava lá na mesma. Eu sei como se faz o queijo, mas nunca fiz nenhum. Aquilo havia um coador, coava-se o leite para uma panela, depois punha-se o cardo. Coalhava e depois, no fim de estar coalhado, ia-se tirando para um pratinho limpinho. No acincho metia-se para dentro, calcava-se e aquele soro era fervido. Deitavam um bocadinho aqui e além de farinha. Aquilo ainda era bom! Comia-se com pão. Ficava molezinho e era bom! Era tudo bom naquele tempo.

Joguei muita vez ao fito. É com uma malha que se jogava ao fito. Atirava para fazer pontos. Aqueles que ganhassem, ganhavam um copo de vinho que o outro que perdeu pagava ao que ganhava.

"Era eu que os matava"

Nas matanças dos porcos era eu que os matava. Mata-se com uma faca no pescoço e zás direito ao coração. As senhoras tinham os seus animais e íamos para lá. Elas falavam a mais dois homens, ou três, para o segurar, eu chegava lá matava. Preparavam-no, ao outro dia à noite ia abri-lo todo. Migavam a carne para o enchido, salgavam o resto da carne e preparavam as coisinhas todas, à maneira, e bem! Eu quando matava preferia desmanchá-lo no próprio dia, para as senhoras, não estarem a trabalhar até tarde.

Estar doente em Monte Frio

Quando alguém está doente em Monte Frio vão-se visitar uns aos outros. É muito giro! A malta até pode andar zangada uns com os outros mas, quando há uma doença, a chatice tira-se para o lado e a doença é que conta! A gente ainda hoje faz isso, à malta que está doente, não faltam lá visitas graças a Deus. Antes não havia médico aqui, era só o de Côja. Era chamado, vinha cá, mas agora já cá não vem. Agora mandam-nos para o centro e a malta tem que ir numa ambulância

para o centro se quer, porque o médico não vem cá. Ainda me recordo dos tempos das ventosas. Aquilo era do feitio de um copo. A gente tinha uma dor e elas eram colocadas onde doía. Aquilo agarrava e tirava a dor à pessoa. Agarrava mesmo.

No Natal

Agora o passo o Natal sozinho mais a mulher. O resto da malta aí convive com os seus filhos. Os meus filhos estão em Lisboa, eles bem querem que a gente vá lá passar o Natal, mas eu não posso subir escadas e eles não têm elevador. Então não vou lá! O resto da malta, muitos passam cá, outros vão passar lá ao pé das famílias. Nesses dias come-se a couve branca com bacalhau. É a tradição, não falha! Lá vem os seus doces, os seus bolos. Gosto muito dos bolinhos de abóbora. Tenrinhos que são uma maravilha.

Pessoas *Assunção Peres*

A costureira que me ajudou quando eu casei chamava-se Assunção Peres, era a xerifa cá da terra. Era boa pessoa, só tenho a dizer bem dela. A minha mulher trabalhou lá há 20 e tal anos. Todos os dias ia lá a fazer meio dia ou um dia, no campo e em casa nas limpezas.

Quotidiano "*Tive uma vida escrava*"

O meu dia é aqui entretido a jogar as cartas, à sueca, com diversos amigos. Todos gostam de jogar comigo! Não há nenhum que não goste de jogar comigo! Levanto-me às nove, nove e meia, dez da manhã, mas não vou fazer nada! Às oito da noite estou sentado na cama a ver o telejornal e já não saio dali.

Comecei a trabalhar aos 12 anos e foi sempre a andar até aos 54 quando parei devido à doença. Fui operado à cabeça e nunca mais fiz nada na vida. Também já fui operado a um rim, eu sei lá o que é que eu já tive na minha vida. Tive uma vida escrava.

Sonhos "*Tenho um sonho*"

Eu tenho um sonho, é ter uma neta como eu tenho, em Moçambique, que está de bebé. O meu sonho é ser bisavô. Gostava de ainda ver aquela bisnetazita!

Avaliação "*Para bem de todos*"

Deus queira que continuem e que seja para bem de todos! Deus queira que se veja alguma coisa um dia.